

## Entrevista com o poeta Érico Nogueira

Publicado em 11 de abril de 2011 por ERA



Gilson. Escreve no blog Ars Poetica: <http://ericonogueira.blogspot.com>

O poeta Érico Nogueira publicou os livros “Dois” (2010) e “O livro de Scardanelli” (2008), ambos pela editora É Realizações. Vencedor do “Prêmio Governo de MG de literatura” em 2008. É colunista do Terra Magazine e da revista Dicta & Contradicta. Possui mestrado em Letras Clássicas pela USP, instituição na qual atualmente é doutorando, com uma tese sobre Teócrito. Traduziu em 2010 o livro “Introdução às artes do belo – o que é filosofar sobre a arte?”, de Étienne

**ERA** – *O poeta Bruno Tolentino apresenta como prólogo do livro “O mundo como Idéia” (ed. Globo, 2001) uma série de ensaios, com o intuito de expor sua base filosófica – pois, citando C. S. Lewis, “a questão filosófica deve vir antes”. Qual é a filosofia que você utiliza para apreender a experiência e para compor sua obra poética?*

**ÉRICO NOGUEIRA** – ‘Poesia’ vem do grego *póiesis*, substantivo derivado do verbo *poíeo*, i.e., ‘fazer’. Originalmente, pois, ‘poesia’ significa ‘feitura’, ‘produção’. O que eu quero dizer com essa lengalenga etimológica é que pode muito bem acontecer de um poeta professar esta ou aquela, vá lá, filosofia ou visão de mundo, mas, na hora do vamos-ver, quando depara consigo mesmo e com o que está pra ser escrito, fazer uma coisa – o poema – que simplesmente o contradiz. Descontados, então, os casos de grotesca incoerência entre falar e fazer – isto é, descontada a maior parte do tempo –, resta que, em momentos particularmente felizes, a minha filosofia resume-se a dois ditos gregos, um mais, outro menos conhecido. O primeiro é de Aristóteles, e tá lá na *Poética* pra todo o mundo ver e admirar: “O poeta não deve dizer o que quer, senão o que o poema requer”; o segundo é de Apolo, o deus que morava em Delfos, e de tão gasto já virou clichê: “Conhece-te a ti mesmo”. A relação entre ambos está longe de ser evidente, mas talvez possa exprimir-se dizendo que, afinal, o poeta que se conhece sabe que é essencialmente um fazedor, e procura, portanto, fazer o mais perfeitamente possível aquilo que faz. Em suma, a perícia técnica é a maior prova de sabedoria que pode haver, da parte do poeta. Ou, pelo menos, é a única que ele, na condição de “técnico dentro da técnica, e fora disso um doido”, tem a obrigação de nos dar.

**ERA** – *Em uma entrevista recente para a revista Standpoint, o poeta inglês Geoffrey Hill falou sobre as relações entre poesia e democracia – pois a arte tem o direito de ser difícil, e requer uma lenta apreciação, enquanto a tirania requer simplificação. Existe uma relação entre poesia e ética – ou, é possível a estética ser uma ética?*

**ÉRICO NOGUEIRA** – Aristóteles divide a consideração de quaisquer objetos do conhecimento em “as coisas em si mesmas” e “as coisas em relação a nós”. Ora, em si mesmas, poesia e ética são absolutamente distintas uma da outra: a primeira é um *savoir-faire*, i.e., um saber voltado à produção de um objeto específico, com tais e tais características; a segunda é o estudo e a prática do bem, sendo que o maior dos bens, sempre segundo Aristóteles, não é outro senão a felicidade. Nesse nível, falar de mediação entre ética e poesia é falar de um tremendo *tour de force* filosófico, tão tremendo que nem ‘o’ Filósofo, assim com maiúscula, ousou empreender. Mas “em relação a nós” – i.e., no caso, os poetas – creio que se possa, sim, em certa medida, falar de uma mediação entre poesia e ética, já que o particular que calha de fazer versos é o mesmo que se vê interpelado a agir moralmente. ‘Particular’, aqui, é palavra de ordem: a mediação entre poesia e ética só me parece possível no e pelo particular, e tem que ver com os dilemas e a consciência particulares de cada um. Catão, o Censor, dizia do orador perfeito “homem bom, perito no discurso”; também Horácio, anos depois, o diria do perfeito poeta.

**ERA** – *O filósofo Michael Oakeshott fala que a política moderna tem oscilado entre dois pólos, o da política da fé e o da política do cepticismo. A primeira é revolucionária e acredita que as inovações sempre melhoram e corrigem o passado, enquanto a segunda acredita que a perfeição não seja atingível pela política, que é uma arte do possível. Partindo disso, você criou a diferença entre poética da fé e poética do cepticismo. O que significa essa diferença e o que ela implica não somente para a poesia, mas também para os valores (inclusive morais) que cada pessoa busca cultivar?*

**ÉRICO NOGUEIRA** – Tenho de confessar que essa minha apropriação dos conceitos de Oakeshott, da política para a poética, é, a rigor, uma apropriação indevida. O raciocínio, aqui, é o mesmo de antes, quando me referia à mediação entre poesia e ética: em si mesmas, poética e política são domínios diversos, e a mediação, se e quando acontece, acontece na pessoa deste ou daquele poeta, e deve, pois, para apreciar-se como convém, levar em conta as particularidades do caso em questão: dizer ‘política e poética’ *tout court* é quase como dizer ‘alhos e bugalhos’; mas ‘poética e política’, por exemplo, ‘em Ezra Pound’ ou ‘em Bertolt Brecht’ são frases pertinentes, que descrevem situações problemáticamente reais. Numa palavra, eu não creio mais que seja possível aplicar um modelo teórico desenvolvido no âmbito estrito dos estudos políticos para descrever o não menos estrito âmbito da poética. A minha apropriação indébita teve um quê de impensado, que espero poder retificar. Por ora, porém, tudo o que posso fazer é observar que, no meu caso específico, certo cepticismo filosófico, algum conservadorismo político e uma paixão visceral pela poesia grega e latina se vêm forçados a conviver na mesma pessoa: este que vos fala, vosso criado.

**ERA** – *No artigo “Poesia, poema, poeta”, sobre o “De vulgari eloquentia” de Dante Alighieri, você afirma que o assunto da poesia é o próprio homem no que tem de mais humano – suas guerras de vida e morte, seus amores e desamores, seus vícios e virtudes. Logo, é possível pensar a poesia também como uma fonte de conhecimento para os dilemas éticos e morais? A poesia pode ser um guia moral?*

**ÉRICO NOGUEIRA** – Sim, isto me parece bem razoável: a poesia pode, com efeito, – sobretudo a grande poesia – ajudar a compreender certos dilemas profundos, dilemas esses que, à falta de melhor nome, talvez possamos chamar de morais. Daí, porém, a ser de fato um guia da ação moralmente correta há uma distância enorme: o único guia é a consciência do agente, a qual, isto sim, pode ser estimulada e, numa palavra, cultivada pela leitura de alguns poetas – ocorrem-me Sófocles, Virgílio, Shakespeare e Racine: mas há muitos mais. Geoffrey Hill, que você mencionou acima, diz algo como “a poesia é uma das muitas formas da autoconsciência: consciência de si, e consciência para, e em, si; e um embaraço para si e os outros”. Se a nossa leitura captar essa freqüência descrita por Hill, creio que se possa falar, sim, em compreensão, ou, ao menos, em alguma compreensão, daqueles dilemas profundos que mencionei. O problema – e, para mim, o charme, o paradoxo, e o que faz da poesia a doce obsessão que é – é que a beleza, um verso de Virgílio, por exemplo, te absorve por completo, te chama e te reclama pra si, e pode, pois, te cegar pro que tá ali na tua cara, mas cê não quer mais nem saber. É a sereia de Ulisses, acho, e o negócio é enfrentá-la como homem: nada de tampão no ouvido.

Por Guilherme M. Martins – Mestrando em Direito pela Puc-Rio e pesquisador voluntário do projeto Ética e realidade atual: o que podemos saber, o que devemos fazer ([www.era.org.br](http://www.era.org.br)).

### Últimas

- E o paciente desaparece
- Ética no Trânsito: O estilo Carlota Joaquina de dirigir
- A ética não pode tirar férias do mundo
- Delação premiada: o barato que pode sair caro
- Considerações Éticas sobre o Processo de Avaliação de Desempenho nas Organizações

## Receba nossa newsletter

Cadastre-se em nosso site e receba notícias diretamente em seu e-mail.

Seus dados serão usados exclusivamente para a newsletter e não serão divulgados.

